



## FAMÍLIA CONTEMPORÂNEA: UMA NOVA PTERNIDADE?

SANTOS, Sara Maria Cunha Bitencourt  
*Psicóloga do TRT5.*

*Mestranda em Família na Sociedade Contemporânea.  
Superintendência de Pesquisa e Pós-graduação (UCSAL)  
Salvador – BA. Especialista em Psicologia Organizacional e do Trabalho (CFP).  
Especialista em Terapia Cognitivo-Comportamental (FACCAT/RS).  
Especialista em Gestão de Pessoas (UFBA).  
saramcb@gmail.com*

SOUZA, Fábio Kalil de  
*Pedagogo do IFS.*

*Doutorando em Família na Sociedade Contemporânea.  
Superintendência de Pesquisa e Pós-graduação (UCSAL).  
Salvador – BA. Mestre em Educação (UFBA). Especialista em  
Educação e Tecnologias de Comunicação e Informação (UNEB)  
fabioksouza@gmail.com*

347

### RESUMO

O presente artigo foi motivado por reflexões suscitadas pelos discentes a partir da respectiva aproximação e engajamento acadêmico e pessoal com o tema. Os ensaios reflexivos aqui registrados trazem à tona aspectos relevantes do fenômeno vivenciado na contemporaneidade: redescoberta de um novo perfil de paternidade. Para esta produção, foi organizada criticamente uma revisão de literatura assistemática a partir do tripé família contemporânea, paternidade em transição e responsabilidades desse novo pai. Foi assinalado que este se mostra mais engajado, envolvido e participativo na vida do filho. O objetivo central do artigo, portanto, é oferecer aporte teórico orbitando em torno do envolvimento do pai contemporâneo, de maneira a colaborar modestamente com estudos na exploração do tema.

**Palavras-chave:** Família Contemporânea. Mudanças. Envolvimento paterno.

### ABSTRACT

This article was motivated by considerations raised by students from its approach and academic and personal engagement with the topic. The reflective essays recorded here bring up relevant aspects of experienced phenomenon nowadays: rediscovery of a new profile paternity. For this production, was critically organized systematic review of literature from the tripod contemporary family, fatherhood in transition and responsibilities of the new parent. It was noted that this proves more engaged, involved and participating in the life of the child. The central aim of this article therefore is to provide theoretical basis orbiting the involvement of contemporary father, so modestly to collaborate on studies in the exploration of the topic.

**Key-words:** Contemporary family. Changes. Parental involvement.



## INTRODUÇÃO

Tendo em vista a motivação e engajamento dos autores com o tema da paternidade, o interesse de ambos versa em trazer à tona aspectos relevantes acerca desse pai que entra em cena na contemporaneidade de modo mais envolvido e engajado no cuidado com os filhos. De onde ele surge? Quais mudanças sociais e familiares tem construído esse pai e chamado o mesmo para local de destaque na contemporaneidade? Essas são algumas questões incipientes, entretanto fundamentais para compreensão de um fenômeno mais complexo que é o envolvimento paterno com os filhos(as) e seus impactos para o próprio pai, para a família e para a sociedade. Nesse sentido, o presente artigo visa contribuir com reflexões sobre essa temática tendo em vista a importância da mesma no atual contexto contemporâneo.

O papel do homem na sociedade e na família deve ocupar lugar de destaque nas discussões sobre planejamento educacional, econômico e de saúde. Só assim será incentivada uma mudança permanente e mais equânime, que as novas gerações poderão herdar (CERVENY; CHAVES, 2010, p. 50).

Importante destacar que “o conceito de paternidade tem se modificado ao longo do tempo e reflete as transformações sociais, culturais e históricas da sociedade ocidental” (SOUZA; BENETTI, 2009, p. 62). Esse pai tem sentido os reflexos das mudanças do contexto macrossocial no qual está inserido “levando o homem a conciliar paternidade, casamento e trabalho e avaliar sua importância na vida das crianças frente às incertezas do século XXI” (SOUZA; BENETTI, 2009, p. 101).

Em relação à algumas características que configuram as mudanças familiares na contemporaneidade, destacam-se: a diminuição do número de membros, levando a família ficar menor, o aumento do número de lares com apenas um filho, os casamentos são mais tardios, a adolescência expandida e os re-casamentos mais constantes (CERVENY; CHAVES, 2010). Pensando a paternidade nesse contexto, certos aspectos assumem centralidade, quais sejam “uma perda da legitimidade da paternidade tradicional; um reajustamento do papel na interação com a mulher e o filho; uma ambivalência inerente ao novo contexto que constitui a partilha” (CASTELAIN-MEUNIER *apud* CERVENY; CHAVES, 2010, p. 48).

Antes o lugar do pai na família era protegido pela autoridade que lhe era conferida e cabia às mulheres cuidarem das atividades domésticas e reforçarem perante os filhos esse poder que o pai detinha. Ao homem estava aberto o público e à mulher cabia o resguardo no privado



(ARIÈS, 1981; SAMARA, 1983). Atualmente, porém, o cenário é bem diferente. As mulheres ganharam espaço no mercado de trabalho e os homens foram chamados a também lutarem por seus espaços dentro do lar. Eles precisariam atuar de modo mais parceiro com as mulheres, dividindo as tarefas domésticas e envolvendo-se mais no cuidado dos filhos. A partir do Código Civil e da Constituição de 1988 já se falava de *poder familiar*, ou seja, pai e mãe detêm poderes compartilhados no exercício da parentalidade a partir de amparo legal (PETRINI, 2005; CERVENY; CHAVES, 2010).

Neste tópico, cabe concluir que a família pode ser considerada uma instituição vital na vida do ser humano. Este, a propósito de que rumo venha seguir, se para melhoria da sociedade ou seu prejuízo, não existiria evidentemente sem nascer e desenvolver-se num contexto familiar. Ela é, portanto, universal, histórica – presente em diferentes tempos e lugares – e primeiro espaço socializador do indivíduo, como também primeiro mediador entre este e a realidade. Discorrer sucintamente sobre a família no panorama de mudanças recentes posiciona a lente de aumento para melhor visualizar o pai na contemporaneidade.

## **FAMÍLIA CONTEMPORÂNEA: CENÁRIO DE MUDANÇAS**

Há que se considerar que a família contemporânea tem enfrentado inúmeras mudanças, estas que são refletidas na relação íntima entre os seus membros e na redefinição dos seus papéis (BIASOLI-ALVES, 1997; ARRIAGADA, 2001). São mudanças culturais, econômicas, na relação entre os gêneros e os sexos, nas relações intergeracionais que implicam modificações nas relações de poder no seio familiar, na organização da vida produtiva, no ingresso massivo da mulher no mundo do trabalho, entre outras, que tem influenciado as dinâmicas familiares nas últimas décadas. Mudanças, vale sublinhar, que afetam a vida de cada ser humano, trazendo uma colheita de resultados nem sempre positivos, com notáveis consequências para os filhos.

A família encontra-se em constante mudança por participar dos dinamismos próprios das relações sociais. O processo social dos últimos séculos acelerou as mudanças, com consequências substanciais em todos os aspectos da convivência humana. A família, integrada nesse contexto, necessariamente passa por transformações de tal magnitude que parece prestes a desaparecer (PETRINI, 2003, p. 60).



Todavia, no lado oposto dessa análise, o mesmo autor ainda destaca que a família é considerada como um valor ideal na sociedade contemporânea. Nas últimas décadas ela tem passado por mudanças, como a forma de entender o amor e a sexualidade, o vínculo familiar, a relação intergeracional, a maternidade, o relacionamento entre homem e mulher e entre pais e filhos, que por vezes tem tornado vulnerável a família. Ficam, assim, sem efeito orientações para o desenvolvimento familiar que vigoraram no passado, gerando, por conseguinte, gerações com dificuldades afetivas/psicológicas para encarar os desafios da sociedade (PETRINI, 2003, p. 61).

As relações entre os sexos e as gerações constituem o centro da vida familiar, que se mantêm ou se dissolvem em função de múltiplas circunstâncias ideológicas, socioculturais e históricas, resultando em modelos nos quais ora predominam a reciprocidade, a solidariedade, a cooperação; ora prevalecem disputas, competição, indiferença e conflitos.

Hironaka (2001) também entende que a família contemporânea vem se alterando paulatinamente a partir de mudanças nos costumes, valores e práticas culturais. Aponta, inclusive, elementos que vetorizam tais mudanças, como a independência econômica da mulher, a emancipação dos filhos, o controle de natalidade, o divórcio, a reprodução assistida, entre outras, tornando as estruturas familiares mais adaptáveis ao mundo. Elas e suas relações internas alteram-se, levando seus membros a desempenhar distintos papéis. Entre eles está o de representar, com exceções, lugar de refúgio contra as pressões econômicas e de mercado.

Por esses e outros padrões interacionais as famílias se constituem na contemporaneidade, mas, embora diversas, são famílias. Nelas seus membros, em tese, encontram o ponto de apoio e atendimento de suas necessidades biológicas, afetivas, espirituais e materiais; esperam dos membros mais experientes alguma colaboração – material e/ou imaterial, para viverem dignamente ou, na menos favorável das circunstâncias, para sobreviverem.

Ante o exposto, pode-se inferir que família é um dado estruturante da antropologia, isto é, o ser humano nasce nela e busca constituir família; é estrutural deles formar famílias, em todos os tempos e lugares, portanto. Tal formação recebe efeitos contingenciais, forçando as famílias a ingressarem num jogo de adaptação e resistência às referidas contingências. Nele a cooperação resiste como eixo central da família, afinal, com devidas exceções, elas se pautam na cooperação entre os sexos e entre as gerações. Em sua dinâmica interna, família é um ente onde permeiam contradições, paradoxos, ambivalências, mas estrutura que se mantém no tempo.



Nesse cenário fica explícito não haver mais espaço para a dicotomia de papéis antes ancorados em – pai trabalhador versus mãe cuidadora do lar. Assim, emerge uma necessidade de maior participação da mulher no mercado de trabalho e em contrapartida de um maior envolvimento do pai na vida do filho. Na literatura, o envolvimento paterno é trazido como relacionado ao lugar que o pai ocupa na família, no trabalho, e mais amplamente, na sociedade (BELTRAME; BOTTOLI, 2010). Portanto, variáveis do contexto micro e macro precisam ser consideradas já que elas interferem sobremaneira no exercício da paternidade contemporânea e sofrem interferência desta paternidade, de modo dinâmico e complexo.

Identificar e mapear as mudanças vivenciadas na sociedade contemporânea, no trabalho e na família, se torna essencial para compreender de que modo elas interferem e sofrem interferência de aspectos individuais do pai e da relação pai-filho. Mais do que interferir, estes aspectos por vezes estruturam e definem o pai emergente que está em processo de transição e construção (CIA; BARHAM, 2006; BORNHOLDT; WAGNER; STAUDT, 2007; SOUZA; BENETTI, 2008; BELTRAME; BOTTOLI, 2010; BELTRÃO-GOMES; APARECIDA-CREPALDI; BIGRAS, 2013). Nesse sentido, será elucidado a seguir essa trajetória que demarca e define a transição vivenciada pelo pai em tempos contemporâneos.

## **PATERNIDADE EM TRANSIÇÃO**

Segundo Cerveny e Chaves (2010, p. 48) “[...] ser pai atualmente é saber improvisar, pois ninguém os ensina como fazer, além de que, aprende-se fazendo”. O pai que emerge está em busca de novos parâmetros para o seu fazer-se pai, questionando os modelos anteriores e percebendo a importância de funções mais afetivas no cuidado com o(a) filho(a) (BORNHOLDT, WAGNER, STAUDT, 2007).

Entretanto, esse mesmo pai tem a plena consciência do quanto ainda estão presentes em si elementos dos seus pais, antecessores, nascidos nas décadas anteriores e que carregam um modelo patriarcal definido pela disciplina e responsabilidade quanto ao sustento financeiro da família, o conhecido provedor. Assim, o novo pai encara o desafio de estar em transição, utilizando-se de um mosaico que é colorido por papéis ora tradicionais e ora mais afetivos e que implicam em cuidado e engajamento com os filhos (APARECIDA-CREPALDI; BIGRAS, 2013).



Nesse exercício de tornar-se pai num contexto contemporâneo tão paradoxal e ambivalente faz-se relevante refletir o seu lugar na família. Esta que, tomada como coluna da experiência humana, orbita em torno “de um projeto de vida baseado na solidariedade entre as gerações e na cooperação entre os sexos” (PETRINI, 2003; 2004). Por outro lado, a família toca em dimensões profundas da existência humana e nem sempre significa espaço fecundo de cooperação, apoio e proteção aos seus membros, haja vista, não raras vezes, funcionar como fábrica de monstros sociais, produzidos por um contexto familiar de violência, exclusão, opressão, que abandona o membro enfermo ou necessitado e, portanto, um contexto de quase absoluta sequidão afetiva; sequidão que poderá impactar de forma dramática um ou mais membros, tanto na formação das suas subjetividades quanto no seu itinerário a partir dali (SERACENO, 1997).

A dádiva, em contrapartida, nutre a afetividade positiva. Nas famílias existe um sistema de dádivas que fortalece os vínculos. Dádiva origina-se do particípio passado *dativus*, do verbo *dare*, e significa, como o dom, doar, dar, e permeia a existência humana, a exemplo do dom da vida que pais concedem aos filhos. Em seu sentido mais amplo, dádiva é o interesse pelo outro sem contrapartida de retorno e “tudo que circula em nome do laço social”, opondo-se à troca de equivalentes típica do mercado. A aceitação da ação dadivosa, porém, gera no receptor um quase imperativo sentimento de retribuição, conduzindo a um fluxo equilibrado de doação e recepção de dádivas. Esse sistema de dádiva alimenta e mantém muito laços familiares e sociais (GODBOUT, 1999). Sobre o dom da paternidade, é valioso lembrar que

O filho é, sim, gerado pelo pai, mas não é seu objeto e nem propriedade que lhe pertença. Portanto, o dom de gerar explica-se por si mesmo porque possui toda dinâmica da genitoriedade, da paternidade, e que está ligada ao filho, mas também ao ponto de partida, isto é, ao próprio pai. Noutras palavras, o ser pai precisa, constantemente, de revisão e de retornar ao dom de gerar que está em si próprio – o pai deve, sempre, buscar esta referência para compreender o dom de gerar no filho (BARBOSA, 2010, p. 89).

A respeito do dom de gerar filhos, o mesmo autor elucida que esse dom não se limita à fecundação e o nascimento da prole, mas estende sua dinâmica por toda a existência do filho. Nesse horizonte, o filho é um *continuum* do pai, embora não seja o genitor e não pode proceder como este, e sim como filho, ainda que já exerça sua paternidade. O filho, assim, se expressa como “uma espécie de síntese antropológica do ser pai e uma resposta potencial do dom de gerar” (idem, p. 87).



É através do dom de gerar que os pais instauram na criança a “dívida de vida”. Assim “[...] ser pai cria, então, uma dívida. E é em nome dessa dívida, a ser reembolsada, que se faz a transmissão. Mas não se reembolsa essa dívida a seus pais [...]” (HURSTEL, 2006, p. 168). Para a autora, esse reembolso da dívida instaurada a partir do nascimento se dá mediante o compromisso de transmissão intergeracional, através de filhos que se tornam futuros pais, instaurando um lugar genealógico dinâmico e responsável de transmissão da vida.

Fica claro e merece destaque a importância do papel paterno que vigora muito mais cedo na vida do filho do que se imaginava anteriormente. A título de exemplo, na década de 1980 pesquisas que observavam o comportamento de recém-nascidos evidenciaram que os primeiros dias já são suficientes para que o bebê perceba o pai (SILVA; PICCININI, 2007). Pai que, além do dom de gerar, conforme o ciclo de desenvolvimento da prole, tem sobre si algumas funções essenciais, apresentadas sumariamente no tópico seguinte.

### **PAI NÃO É VISITA: ALGUMAS RESPONSABILIDADES**

Esse novo pai é responsável pela promoção de um envolvimento positivo com o filho. Não basta estar presente, é necessário estar comprometido, vinculado, atento e sensível às necessidades demandadas pela criança. Em relação aos benefícios para o desenvolvimento social desta, estudos recentes trazem à tona que o pai tem um papel mais ativo, se comparado à mãe, no que se refere à socialização e controle da agressividade na primeira infância. Além disto, o engajamento paterno estende os seus benefícios a um melhor ajustamento psicossocial nas fases posteriores – adolescência e idade adulta (BELTRÃO-GOMES et al, 2013).

Cabe destacar que o pai se faz na relação com o(s) filho(s), com a mãe deste(s) e no seio familiar, mesmo que esses vínculos conjugais de algum modo e em qualquer tempo se desfçam. Portanto, mais do que um *plus* de afeto que o pai direciona ao filho, o envolvimento paterno é um compromisso que não pode ser dissolvido pelo divórcio já que “hoje [...] inclusive juridicamente [...] pode ser exigido do pai o envolvimento na vida dos filhos, mesmo quando houver separação” (BELTRAME; BOTOLLI, 2010, p. 206).

Entretanto, não se pode ser ingênuo em afirmar que o envolvimento paterno, apesar de mais presente na contemporaneidade, é uma constante familiar. Infelizmente permanecem muitos





casos de pais que não assumem a sua função de cuidadores e ao contrário de protegerem se tornam os próprios agressores dos filhos.

Em pesquisa que tinha por objetivo estimar as formas de violência contra crianças e adolescentes registradas nos Conselhos Tutelares nos anos de 2003 e 2004 a partir dos registros em prontuários na cidade de Feira de Santana, chegou-se aos seguintes resultados:

[...] totalizaram 1.293 registros de violência, sendo 1.011 (78,1%) originados no domicílio. As violências mais frequentes foram a negligência (727), por omissão de cuidados básicos (304) e abandono (259); a violência física (455); por espancamento (392), nas faixas de 2 a 13 anos; a violência psicológica (374); por amedrontamento (219); a violência sexual (68), por abuso (58), principalmente entre adolescentes. (COSTA; CARVALHO; BÁRBARA; SANTOS; GOMES; SOUZA, 2007, p. 1229).

Pensando em termos da paternidade enquanto processo de construção e desenvolvimento contínuo, há que se refletir pelos números apresentados quantas vidas foram marcadas pela violência no âmbito familiar e nesta inversão e negligência de papéis muitos pais tornaram-se agressores, abusadores e temidos pelos filhos. Há ainda que despertar para o quanto o número é bem maior quando considerados os casos que não houve registro por medo ou mesmo desconhecimento. Aonde esteve o envolvimento paterno nesse cenário?

Medidas preventivas e reflexões sobre a temática precisam estimular uma mudança desse cenário, trazendo à tona o envolvimento paterno ao lugar que lhe cabe. Nesse sentido, cabe salientar para as propriedades que ela possui em cada fase do desenvolvimento do filho. Interessante atentar que não é apenas este que se desenvolve com aquele, mas o pai também se beneficia sobremaneira desse vínculo com o filho, desde a mais tenra idade deste. Inclusive “a categoria *pai de família* complementa a auto-imagem masculina” (SARTI, 2007, p. 95). Portanto, ser pai e exercer o seu papel não é um “luxo”, um “favor” ou uma “ajuda” mas um exercício fundamental e de benefícios recíproco para ambos – pai e filho, e mais, de modo sistêmico, para toda a família.

Cabe atentar que a família pode ser vista numa perspectiva de comunidade relacional, onde os membros se influenciam mutuamente, com maior impacto do modelo comportamental dos pais sobre os filhos(as), cujas personalidades, durante a infância, está permanentemente aberta à influências externas. Ao chegar ao mundo, a criança é inserida num contexto de expectativas, valores, crenças e práticas estruturantes da vida familiar, o qual condiciona (e não determina) a formação de seu *self* em vários aspectos.





Nesse contexto o infante amadurece em suas estruturas biológica, cognitiva e social, habilitando-se para se adaptar ao meio, socializar-se e conviver em contextos extra-familiares. Nessas suas primeiras relações face-a-face ele/ela experimenta situações essenciais para sua futura sobrevivência fora delas. A família, na sua totalidade, vivencia um processo mais ou menos consciente de interpredizagem e interaceitação, proporcionando à criança e futuro adolescente o primeiro e mais relevante espaço de socialização.

De modo breve, Berthoud apud Cerveny e Chaves (2010) aborda uma teoria da parentalidade através da qual cada fase do filho implica em tarefas básicas e específicas a serem desempenhadas pelos pais. Quando a criança é pequena, ainda na primeira infância, a tarefa essencial dos pais é o cuidar. Portanto, atividades primárias como trocar a roupa, dar banho, alimentar, proteger, desviar a criança dos perigos, são essenciais nesta fase.

O passar do tempo traz aos pais a tarefa de educar. Nesta fase a criança começa a desenvolver os primeiros vínculos extrafamiliares através do convívio na escola e aos pais implica atenção para ensinar regras, dar limites, estimular a cultura e sociabilidade da criança.

O filho(a) continua crescendo e já na adolescência espera-se que os pais possam orientar. Portanto, é de fundamental importância estar próximo ao filho, não apenas fisicamente, mas acompanhando as suas atividades, escolhas e rotina. Aqui os pais passam a estimular os filhos acerca da responsabilidade perante as suas escolhas e decisões, ouvindo-os e encorajando-os a serem o melhor que puderem de modo ético e sensato.

Passada a fase da adolescência os filhos amadurecem e então se transformam em adultos, muitos constituem as suas famílias e passam a vivenciar também papéis de pais, maridos, esposas, trabalhadores. Aqui os filhos começam a colher o que os pais plantaram ao longo do desenvolvimento destes. Nesta fase os pais já estão em sua maioria entrando na velhice e espera-se que os filhos possam retribuir todo o investimento dedicado pelos pais cuidando, acolhendo e amparando os mesmos. E os pais? Não tem mais função? Sim, e como tem! Aqui eles terão as funções de amigo e companheiro.

Outrossim, cabe atentar que as funções acima estão separadas mais por um estilo didático tendo em vista que no dia-a-dia elas por vezes misturam-se e fundem-se de modo criativo e dinâmico. É relevante, ainda, alertar para o quanto essas funções implicam em proximidade dos pais para com os filhos e esta exige tempo, dedicação, abertura e perseverança. É um caminho a ser construído de modo consistente e enriquecedor.



## CONSIDERAÇÕES FINAIS

A partir do exposto fica evidenciado o quanto a família está em processo de mudança na contemporaneidade, agregando valores e vivências tradicionais e abrindo espaço para novos papéis que antes desconhecia. Nesse cenário múltiplo e diverso a família se defronta com a abertura de espaços que de um lado propiciam cuidado, segurança e proteção aos seus membros e de outro deflagram a exclusão, violência e negligência. Sob essa ótica, tem destaque as lentes que percebem uma sociedade contemporânea marcada por uma fragilidade nos vínculos e uma negociação mercadológica que chega também aos lares.

[...] se na sociedade pluralista tudo deve ser negociado (...) a vida de casal também é submetida a uma crescente negociação. Na medida em que prevalecem critérios próprios do mercado (o cálculo das conveniências, a troca de equivalentes), reduz-se a experiência da gratuidade e do acolhimento incondicional no cotidiano (PETRINI, 2005, p. 48)

Entretanto, mesmo parecendo estar tão multifacetada e com aparência pouco reconhecível, ela resiste aos desafios impostos pela lógica do mercado e revela-se um potencial espaço de transformação, criação e socialização. Portanto continua sendo a família “[...] um requisito do processo de humanização que enraíza a pessoa no tempo, através das relações de parentesco destinadas a permanecer durante toda a existência” (PETRINI; DIAS, 2013, p. 21).

Não é diferente para a paternidade, esta que assume uma fase de transição optando por trazer consigo o antigo e agregá-lo ao novo. Como toda fase de mudança, ainda não se pode definir com clareza essa nova paternidade, apenas sinalizar de modo incipiente que ela está despontando e provavelmente a tendência é que com o passar dos anos a mesma vá encontrando contornos mais confortáveis e seguros até que novas mudanças voltem a desafiá-la no seu processo de contínua construção.

Cabe destacar, porém, que a paternidade não traz vivências iguais para os homens. Pelo contrário, a singularidade e subjetividade tanto pessoal quanto relacional precisam ser consideradas e respeitadas. Ainda, é importante lembrar que o homem pode escolher ser pai antes do filho ser gerado mas esse papel precisa ser uma responsabilidade, e não mais uma escolha, quando a vida do pequeno(a) já vibra no útero materno.

Nessa trajetória foram elucidadas relações entre pai-filho pautadas no cuidado, envolvimento, engajamento e proteção. Entretanto, misturados a estes indicadores outros,



extremamente danosos e preocupantes também vieram à tona, elucidando o quanto muitos pais ainda não assumiram o seu papel, delegando os cuidados dos filhos a terceiros e por vezes chegando a assumir posturas de negligência e violência nas mais diversas esferas e fases do desenvolvimento do filho.

Assim, estudos constatarem o quanto muitos homens que são pais ainda desconhecem a relevância do seu papel, sendo necessário propor intervenções psicoeducativas que atinam para estas questões de modo a promover um envolvimento paterno positivo e conseqüentemente contribuir para a qualidade de vida da família, do pai, dos filhos e da sociedade (CIA, 2009). Nesse cenário, políticas públicas e inserção da temática no âmbito educacional, laboral e são pilares essenciais (CARVALHO, 2013).

## REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

ARIÈS, P. [tradução Dora Flaksman]. *História Social da Criança e da Família*. 2 Ed. Rio de Janeiro: LTC editora, 1981.

ARRIAGADA, I. *Famílias latino-americanas. Diagnóstico y políticas públicas em los inicios del nuevo siglo*. Cepal Eclac. Serie políticas sociales. División de Desarrollo Social. Santiago de Chile, 2001.

BELTRAME, G. R.; BOTTOLI, C. *Retratos do Envolvimento Paterno na Atualidade*. Barbarói. Santa Cruz do Sul, n. 32, jan/jul. 2010.

BELTRÃO-GOMES, L.; APARECIDA-CREPALDI, M.; BIGRAS, M. *O engajamento paterno como fator de regulação da agressividade em pré-escolares*. Paidéia, vol. 23, núm. 54, janeiro-abril, 2013, pp. 21-30, Universidade de São Paulo, Ribeirão Preto.

BARBOSA, Francisco de B. Autoridade paternal e dom de gerar. In: PETRINI, G., MOREIRA, Lúcia Vaz de C., BARBOSA, Francisco de B. (Org.). *O pai na sociedade contemporânea*. SP: Edusc, 2010.

BIASOLI-ALVES, Zélia Maria Mendes. *Famílias brasileiras do século XX: os valores e as práticas de educação da criança*. Temas psicol. [online]. 1997, vol.5, n.3, pp. 33-49.

BORNHOLDT, E.A.; WAGNER, A.; STAUDT, A.C.P. *A vivência da gravidez do primeiro filho à luz da perspectiva paterna*. Psic. Clin., Rio de Janeiro, Vol. 19, N.1, p. 75-92, 2007.

CARVALHO, A. B. *O Papel do Pai na Sociedade Contemporânea*. 2013. Dissertação (Doutorado) – Universidade Católica do Salvador.



CERVENY, C.M.O.; CHAVES, U.H. Pai? Quem é este? A vivência da paternidade no novo milênio. In: MOREIRA, L.V.C; PETRINI, J.C.; BARBOSA, F. B. (Orgs). *O pai na sociedade contemporânea*. Bauru, SP: EDUSC, 2010.

CIA, F. *Um programa para aprimorar envolvimento paterno: impactos no desenvolvimento do filho*. 2009. Tese (Doutorado) – Universidade Federal de São Carlos.

CIA, B.; BARHAM, E.J. *Influências das condições de trabalho do pai sobre o relacionamento pai-filho*. Psico\_USF, v. 11, n.2, p. 257-264, jul/dez, 2006.

COSTA, M.C.O.; CARVALHO, R.C.; BÁRBARA, J.F.R.S.; SANTOS, C.A.S.T; GOMES, W.A.; SOUZA, H.L. *O perfil da violência contra crianças e adolescentes, segundo registros de Conselhos Tutelares: vítimas, agressores e manifestações de violência*. Ver. Ciências e Saúde Coletiva, 12(5): 1129-1141, 2007.

GODBOUT, Jacques T. O vínculo interpessoal. In: GODBOUT, Jacques T. *O espírito da dádiva*. Rio de Janeiro: FGV, 1999.

HIRONAKA, Giselda Maria F. N. *Família e casamento em evolução*. Revista do Advogado: São Paulo, n. 62, p. 16-24, mar./2001.

HURSTEL, F. *Autoridade e transmissão da “dívida de vida”: uma função fundamental dos pais*. Epistemo-Somática, Belo Horizonte. V III, n. 02, set/dez 2006, p. 163-173.

LAMB. M. *O Papel do Pai em Mudança*. Análise Psicológica, 1 (X): 19-34, 1992.

PETRINI, J.C. Mudanças sociais e mudanças familiares. In: PETRINI, J.C; CAVALCANTI, V.R.S. (orgs). *Família, Sociedade e Subjetividades: uma perspectiva multidisciplinar*. Petrópolis, RJ: Vozes, 2005.

PETRINI, J.C.; DIAS, M.C. *Família no debate cultural e político contemporâneo*. São Paulo: Edições Loyola, 2013.

SAMARA, E.M. *A família Brasileira*. São Paulo: editora Brasiliense, 1983.

SARTI, C.A. *A família como espelho: um estudo sobre a moral dos pobres*. 4. Ed. São Paulo: Cortez, 2007.

SERACENO, Chiara. Discursos da família (introdução). In: SERACENO, Chiara. *Sociologia da Família*. Lisboa: Editorial Estampa, 1997, pp. 103-130.

SILVA, M.R.; PICCININNI, C.A. *Sentimentos sobre a paternidade e o envolvimento paterno: um estudo qualitativo*. Estudos de Psicologia, Campinas, 24(4), p. 561-573, outubro-dezembro, 2007.

SILVA, M.R.; PICCININI, C.A. *Paternidade no contexto na depressão pós-parto materna: revisando a literatura*. Estudos de Psicologia, 14(1), jan/abr 2009, p. 05-12.



SIMÕES, R.; LEAL, I.; MAROCO, J. *Paternal involvement in a group of fathers of elementary school children*. *Psic., Saúde; Doenças*, v.11, n.2, p. 339-356, Lisboa 2010.

SOUZA, C. L. C.; BENETTI, S. P. *Paternidade e desemprego: características do envolvimento paterno e aspectos do relacionamento familiar*. *Contextos Clínicos*, 1(2): 61-71, julho-dezembro, 2008.

SOUZA, C. L. C.; BENETTI, S. P. *Paternidade contemporânea: levantamento da produção acadêmica no período de 2000 à 2007*. *Paideia*, jan-abr. 2009, Vol. 19, No. 42, 97-106.